O antropólogo e o "vapor": trabalhando a ideologia*

LUIZ FERNANDO DIAS DUARTE

As apreciações críticas da tese de José Sérgio Leite Lopes, recentemente publicada, sobre as condições do trabalho fabril na produção do açúcar nordestino, podem e devem enveredar por muitos caminhos úteis, alguns aliás já apontados por seu prefaciador ou por comentadores e divulgadores ao nível da imprensa especializada. Entre eles destaca-se, no entanto, pelo potencial da repercussão mais genérica e abrangente junto a todos os que trabalham em Antropologia Social, o do exame da construção realizada pelo autor em torno da questão dos processos ideológicos, ou seja, da instauração e do funcionamento da ideologia na prática de um conjunto de agentes historicamente imbricados em uma dada formação social.

Abordar *O Vapor do Diabo* por esse prisma implica, porém, em reavivar previamente outras considerações sobre a tese, como por exemplo, a do próprio processo de construção do conhecimento ali expresso, que, subjaz, inextricável, ao corpo das conclusões ou demonstrações teóricas.

Há, em primeiro lugar, uma opção por um estudo das condições de existência de uma fração da classe trabalhadora a partir de suas representações, de suas categorias de pensamento e da observação de sua prática. Essa opção é não só a recusa ou superação das grandes análises abrangentes ditadas pela dominação de "questões teóricas" de relevância ou pertinência discutível, mas é também a condição essencial da incorporação matizada e mediatizada dos discursos dos informantes no conhecimento de seus processos de apropriação simbólica do mundo. Em segundo lugar, o encaminhamento da aná-

* LEITE LOPES, José Sérgio. *O vapor do Diabo.* O trabalho dos operários do açúcar. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976. 220 p.

lise se dá sobre as representações referentes ao mundo do trabalho e com isso afeta-se intimamente a qualidade do conhecimento sobre aqueles "processos de apropriação simbólica do mundo". Já não se trata de um estudo abrangente de "cosmologias", já não se procura a unidade ideal e abrangente das "visões de mundo". Privilegia-se um *locus* de articulação da vivência do observado — mas que ele também privilegia — na medida de sua autodefinição (um "trabalhador"), na medida do evidente peso relativo da esfera do trabalho sobre o conjunto de sua prática, na medida em que a determinação de sua condição de assalariado conforma enfim o conjunto significativo de sua ideologia. Em terceiro lugar, a atenção ao discurso do operário estudado faz aproximar-se a lente do pesquisador e permite que se recupere em toda sua complexa riqueza aquilo que uma abordagem totalizante negligenciaria: as diferenciações internas ao grupo operário estudado. Diferenciações fundas, intrínsecas a uma prática complexa, e no entanto mais iluminadoras do sentido da constituição de um a ideologia operária do que uma ideal e uniforme "consciência de classe", definida por critérios externos àquela "consciência" e mascaradora das contradições intraclasses. Foi enfim essa linha de abordagem que permitiu a manipulação no corpo de *O Vapor do Diabo* de um vasto acervo de pequenos temas ou núcleos do pensamento dos operários observados, em que se pode distinguir, detalhar, comparar e compatibilizar traços, tendências, processos ou mecanismos ideológicos, dando carne precisamente àquele conhecimento para cuja relevância apontávamos inicialmente.

O trabalho de Leite Lopes reaviva assim com plena força, como lembra Moacir Palmeira, seu prefaciador, o espírito das análises desenvolvidas por Marx no corpo de *O Capital,* sobre as condições de inserção e manipulação da força de trabalho na instauração do modo de produção capitalista, seja no tocante à jornada de trabalho, no tocante à implantação do maquinismo ou no tocante ao salário. Análises que aportavam à construção do conhecimento sobre o "trabalho morto" a carne viva dos que o enfrentavam, lida nos textos dos inspetores de fábrica como etnografías privilegiadas, e desenvolvendo, mais que apresentando, a imbricação íntima entre os processos propriamente econômicos por que passava a Inglaterra no séc. XIX e as cabeças que sofriam e pensavam esses processos — *ideologicamente.* Talvez o capítulo XIX do Livro I, inicial quanto ao "Salário", seja nesse sentido dos mais ilustrativos, pois aí se manifestam algumas das indicações mais diretas de Marx sobre *"les raisons d'être de la forme phénomenale",* isto é, sobre a necessidade ou eficácia

específica desempenhada pelos mecanismos ideológicos no funcionamento de um modo de produção. Seja ao seu nível mais genérico, como o do mascaramento para o capitalista da verdadeira origem do capital, pela representação do valor como mera diferença entre mercadorias compradas abaixo e vendidas acima do seu valor, ou, ao nível mais imediato, do efeito de reforço que o pagamento do salário, após o processo de trabalho, tem sobre a representação do operário de ter sido pago por todo o seu "trabalho".

Além dessa filiação mais direta e que se provou tão rica em resultados, Leite Lopes apontou ainda, para outras referências teóricas, as questões de articulação ideológica, ora com um sentido quase ilustrativo, como por exemplo na utilização da oposição gramsciana entre "bom senso" e "senso comum", ou na da noção de "tempo estrutural" de Evans-Pritchard, ora com uma eficácia específica incorporada ao trabalho sobre as representações dos trabalhadores, como na utilização das noções de "reinvenção" e de "reinterpretação", que, embora como adverte o autor, criadas por Bourdieu para dar conta de mecanismos de reapropriação de dominação cultural em uma sociedade colonial, podem servir para demarcar e incorporar ao conhecimento de qualquer "ideologia dominada" os momentos ou condições em que a sua própria lógica se sobrepõe ao conteúdo das mensagens "dominantes".

A linha-mestra da análise de Leite Lopes é, no entanto, a que recorre àquela primeira tradição e que encontra na idéia do "fetichismo" o seu cerne articulador. "Fetichismo" aí entendido como esse mecanismo ideológico básico pelo qual se dá a permutação entre o concreto e a representação, a oposição entre o *homem* e a *coisa,* nesse jogo de inversões necessárias que constitui a própria matéria do simbolismo (com as implicações apontadas por Lévi-Strauss na "Introdução à obra de Marcel Mauss"), e a que Marx deu um estatuto simbólico essencial na montagem do conhecimento sobre o modo de produção capitalista, já que este se funda em uma básica inversão homem/coisa: a que "esconde" o trabalho do homem como lugar da criação de todo valor. Inversão homem/coisa que se reduplica, por assim dizer, nos mais diversos níveis do funcionamento da produção capitalista, sempre acionando o "mascaramento" de alguma relação real. É importante, no entanto, compreender que essa noção de "fetichismo", enquanto inversão homem/coisa, essencial à compreensão da dominação capitalista, não é tomada por Leite Lopes como teoria geral de um ideológico puro "vapor", para ilusão. Muito pelo contrário, não só a aplicação dessa noção procura

sempre mediatizar a "necessidade" concreta e historicamente situada de cada efeito de inversão, voltando assim àquela determinação das condições "fenomenais" de instauração dos processos ideológicos de que falava Marx, como ela explica apenas a ocorrência dos nódulos "mascaradores" necessários a uma situação concreta de dominação, contrapondo-se a eles outros efeitos por assim dizer "esclarecedores", surgidos do próprio peso de uma outra articulação daquelas condições e para cujo sentido apontam inclusive aquelas noções de "reinvenção criativa" e de "reinterpretação" de que falávamos antes.

Dentro desses parâmetros é que Leite Lopes desenvolve em suas "Conclusões" os mais interessantes e cruciais desses processos "fetichistas", dos quais parecem fundamentais e são, sem dúvida, exemplares, os que se vinculam às representações sobre a *máquina,* sobre o *salário* e sobre os *ciclos sazonais* da produção da usina. Embora cada um dos três se desenvolva dentro de uma articulação própria, contribuem todos para a instituição de um quadro de lógicas que conformam a prática inter-referenciada de cada um dos segmentos desse grupo de trabalhadores.

O "fetichismo" da *máquina,* fundamental para a compreensão do verdadeiro cerne do modo de produção capitalista que é a grande indústria, esclarece de modo amplo um dos mecanismos básicos da auto-imagem do operário. A referência à *máquina,* enquanto "motor mundi", humanizada potência de trabalho morto e vampirizante, funda todo o pensar do trabalhador da linha de produção sobre sua prática — a ponto de se fazer apagar na descrição do processo de trabalho que é central para a questão da "identidade" operária.

O segundo caso, o do "fetichismo" do *salário* (que dá corpo a todo um capítulo do trabalho), ilumina não só os processos de articulação das representações de cada uma das frações do grupo estudado (os trabalhadores da linha de produção X os trabalhadores das oficinas) em relação à forma específica pela qual têm mascarada a extração da mais-valia que produzem, como também demonstra os efeitos opostos e contraditórios que outras características da dominação, como a utilização do regime de "horas extras", trazem para a prática operária, viabilizando, quase que por um efeito de "neutralização" entre "inversões", uma determinada percepção do mecanismo de exploração real pelo trabalhador.

O terceiro "fetichismo" — o dos *ciclos sazonais* de produção da agroindústria — embora esclarecedor de características mais específicas do ramo de produção estudado, permite entrever possibilidades gerais de uma qualificação mais precisa dos efeitos ideológicos das

características da produção capitalista, ao apontar para a relevância específica do contexto de forças produtivas em que se desenvolve aquela produção (o que é sobretudo relevante para pensar a instauração das relações de produção capitalistas em áreas produtivas periféricas ou no interior de economias dependentes), sem dicotomizá-las, no entanto, face às relações e às forças produtivas internas, como bem faz Leite Lopes, ao articular essa "naturalização" das condições de produção agroindustriais com os mecanismos de superexploração engendrados no seio da *usina*.

Desse tipo de trabalho teórico, cuja riqueza fica muito além destas considerações, parece possível esperar um novo alento para os estudos antropológicos sobre as classes trabalhadoras das "sociedades complexas", e para a teoria dos processos simbólicos em geral. Pois, mais do que nunca, se torna necessário compreender em que condições e por que meios os homens pensam o seu "vapor", vivendo sua "inversão" ou "invertendo" sua vida.